

1912

—  
Março 16



N.º 8

—  
Volume 1.º

# A MASCARA

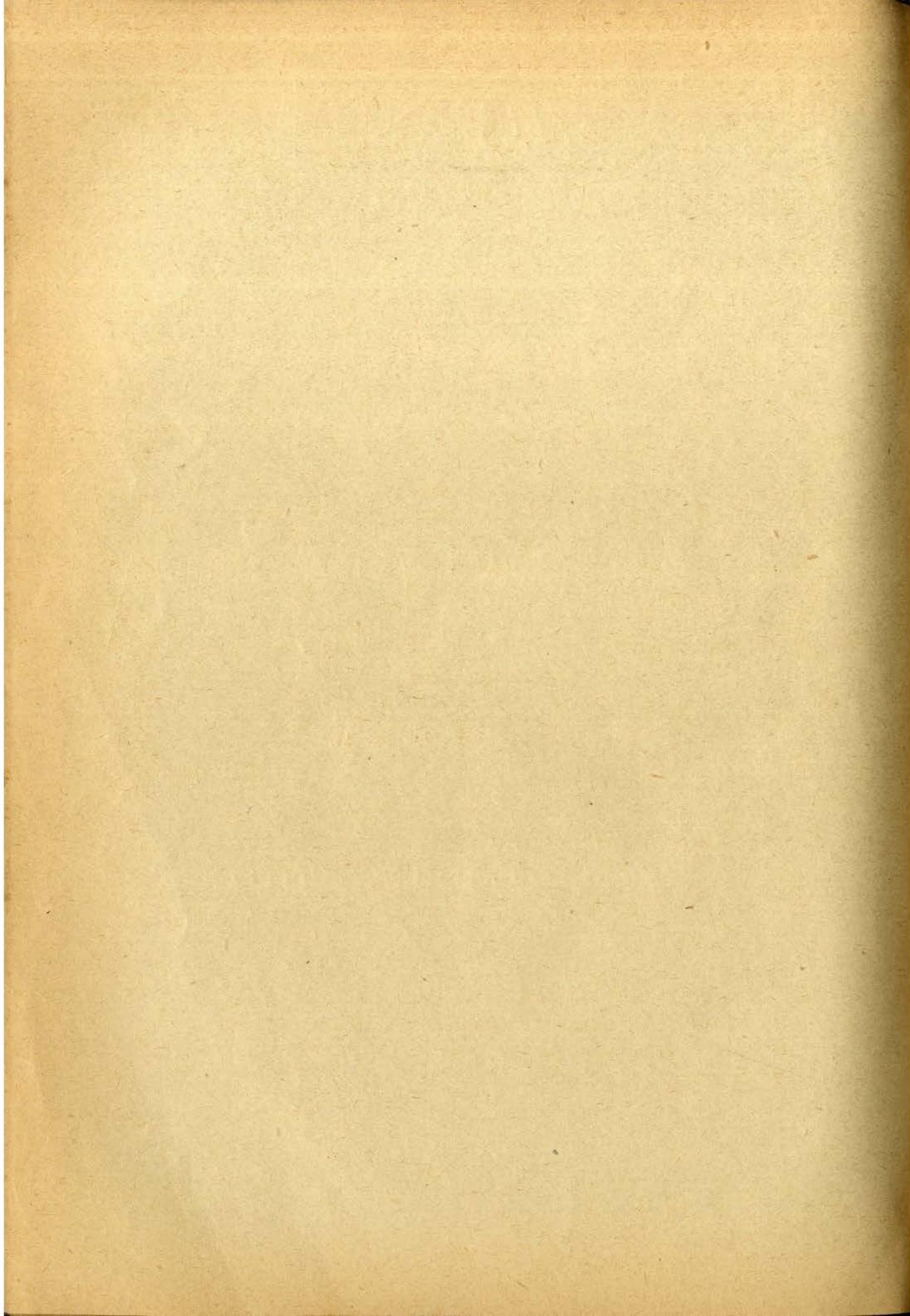
Arte — Vida — Theatro

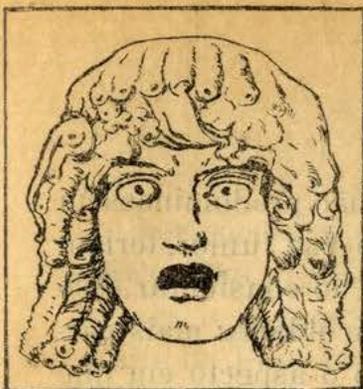
POR

MANOEL DE SOUSA PINTO

50 Réis

LIVRARIA FERIN, EDITORA  
Baptista, Torres & Ct.ª  
70, Rua Nova do Almada, 74  
LISBOA





# A MASCARA

Arte — Vida — Theatro

Lisboa 16 de Março de 1912

XXVI—Exposição de Esculpturas de  
Julio Vaz Junior, no Salão Bobone.  
(6 de Março)

**E**XPOR apenas nove trabalhos, na sua maioria já mostrados a varios publicos e a varios jurys, não constitue certamente facto bastante para satisfazer por completo um artista amante da novidade das revelações, ainda quando, louvavelmente, não dominado pela febre quantitativa.

Expôr, porem, nove obras escolhidas, todas visivelmente impregnadas de um honesto desejo de acertar, e marcadas quasi todas por um forte cunho pessoal de independencia, é deveras galharda prova, nesta terra indecisa, de onde a individualidade cada vez mais se ausenta, e em que as producções de Fulano, no geral, só se distinguem das de Beltrano, por não trazerem a assignatura de Cicrano,

Conseguiu Julio Vaz Junior realisar essa prova, com a sua exposição agradável e bem disposta, ultimamente aberta no Salão Bobone, a cujo catalogo servem de prefacio algumas paginas de um estudo inedito de Alvaro de Castro sobre a personalidade do artista e sobre as influencias nelle exercidas por Constantin Meunier e Auguste Rodin.

Compõe-se a pequena exposição de seis cabeças — *Minha Mãe, Velha, Torquato Pinheiro, Octogenario, Eloy do Amaral, Pedro Fernandes Thomaz* — de um grande busto da Republica — *Austera* — e de dois esboços: o baixo relevo *A Gréve* e o conhecido grupo *Os Humildes*.



Ainda que pelo seu numero, as cabeças não predominassem na presente collecção de trabalhos de Julio Vaz Junior, teriam de preponderar pelo valor. Creio não errar ao considerar esse o dominio esculptorico para que as suas faculdades mais particularmente o indicam, e, portanto, como o aspecto em que as características do seu especial temperamento melhor se surpreendem.

As seis cabeças que expõe merecem attenção, e se nem todas denotam identico vigor e cuidado, nenhuma resvala na banalidade anedoctica, que é o escolho maior do genero.

Destacarei como as que mais me impressionaram: *Minha Mãe*, feita com enlevo e devoção; *Octogenario*, um bronze vivissimo, premiado em Lisboa, no Rio de Janeiro e em Paris; *Pedro Fernandes Thomaz*, gesso de assignalavel felicidade; e a *Velha*, resumante de pittoresco.

Nessas, como nas duas restantes: — *Torquato Pinheiro* e *Eloy do Amaral* — apparece-nos Julio Vaz Junior como um esculptor de technica insistentemente particularisadora, dominado pela paixão do pormenor, procurando transmittir ao gesso ou ao bronze os minimos incidentes da pelle e da configuração dos rostos copiados, visando a minucia descriptiva, de preferencia á synthese expressiva, accentuadamente preocupado com a exactidão e a nitidez, que, de resto, por corresponderem a uma sua manifesta, estructural, maneira de sentir, por via de regra não annullam a espontaneidade laboriosa da execução.

De uma mais ampla factura é o seu grande busto da Republica, de uma magestade romana, que obteve o terceiro premio no concurso da Camara Municipal. Pareceu-me um bom trabalho de modelagem, que pena é ter a coroa-lo essa pezada concha dos cabellos, onde o phrygio gorro assenta sem leveza, o que compromette o effeito imponente do seu rosto sobranceiro de matrona fecunda e incorruptivel.

Pertencem a outra maneira do artista *Os Humildes* e *A Greve*. São apenas dois esbocetos, e como tal ha que julga-los, na sua mal apontada vagueza. Afigura-se-me, no emtanto, que a arte de Julio Vaz Junior se mostra menos sincera e brilhante, ao abandonar o seu processo minucioso, por outro excessivamente summario.

A esculptura é uma arte de symbolos — e não sou o primeiro a dizê-lo — que mal se coaduna com nebulosas. Sendo, de todas as artes, a mais hellenica, é a mais amiga da clari-  
dade e da clareza. Só a seu modo, pode connivir com o mysterio. Nada de mais mysterioso até hoje se inventou que uma esphinge, e, não obstante, nada de mais preciso. Urge não esquecer a velha, mas eterna, definição da *arte palpavel*, e não confundir os assumptos com a sua realisação.

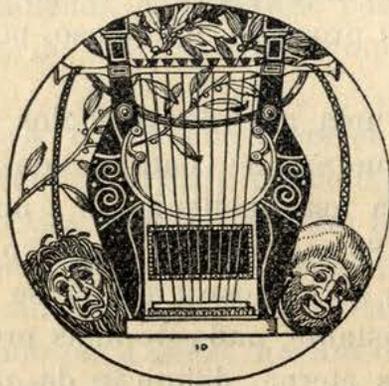
Os dois assumptos que Julio Vaz Junior escolheu são bons, mas os seus dois esboços deixam-me muitas duvidas sobre o que viriam a valer, quando completamente executados.

Depois, Julio Vaz Junior, que tão carinhosamente molda as suas cabeças, descuida-se, falha, erra de frequente, na anatomia dos corpos. Os seus pescadores d'*Os Humildes* — que são, em gesso, um fresco com lembranças do Dante e de Rodin — apresentam disformidades, aleijões, deficiencias; sem falar na demasiada tensão do calibre da rede, — verdadeiro cabo de elevador — que aquella multidão dorida não arrasta, mas a que semelha antes agarrada.

Os braços das suas figuras, sobretudo, são, não sei se casual, se propositadamente, defeituosos, desproporcionados, o que muito bem se nota no relevo *A Greve*, com o operario que arremessa um pedregulho.

Nesse trabalho, ha um grupo interessante, formado por outro operario que carrega pedras, e a quem um garoto e uma mulher pretendem sujeitar. O tronco da mulher, porem, é o

de uma arvore, e a base do rapaz uma base caprina de fauno — pelo que eu prefiro sem hesitação os momentos mais serenos, em que a arte esperançosa de Julio Vaz Junior, esquecida da tragedia amargurada dos que soffrem, labutam e protestam, nos dá, enternecida, o riso desdentado e bonacheiro dos velhos ou o amavel, apaziguante, sorriso de sua mãe.



XXVII — *Primerose*. Comedia em 3 actos  
de G. A. de Caillavet e Robert de Flers,  
traducção de Mello Barreto. (Theatro da  
Republica 9 de Março)

**P**ORQUE ha uma coisa que jámais consegui esquecer, mesmo quando subo a escadaria de marmore do Vaticano, e é que, sobre o campanario da aldeia onde nasci, ha uma cruz e um gallo! — diz, entre varias outras banalidades, o *Cardeal de Mérance*, na nova peça dos acreditados fabricantes Robert de Flers e Gaston Arman de Caillavet, sabbado estreada, em festa artistica de Eduardo Brazão, pela companhia do Republica, com o originario titulo de *Primerose* — o que deu logar a que, á porta, apregoassem o argumento da *Primorosa*, e a uma senhora ao meu lado fallar toda a noite na *Prima Rosa*.

Nessa invocação ao gallo espevitado da Gallia, talvez esteja — sommada com a apregoadissima excellencia do desempenho parisiense — o segredo da inexplicavel sorte que, na Comedia Franceza, toparam os auctores de *El-Rei*, com este seu ultimo trabalho, amorpho, monotono, piegas, que, não valendo litterariamente dois caracoés, tambem me não parece dotado d'esse outro valor, o valor theatral, que absolve tantas obras de detestavel litteratura.

Recortados no ferro, ventoinhantes, graciosos, tambem por cá existem os gallos de catavento — que não são de modo nenhum privilegio das torres de França, como De Caillavet e de Flers suppuzeram — mas torna-se muito difficil achar quem vibre com a exhibição de um typo mais que francez de Eminencia, admirador de Gambetta, leitor de Renan, biographo de Joachim du Bellay, muito inferior em bondade christã e evangelico encanto a certas encantadoras figuras do theatro portuguez, como o *Froilão Dias* de Garrett ou o *Monsenhôr d'A Madrugada* — e é um prazer d'alma oppor aos fantoches

mal acabados de além-Pyrineus, o castiço sentimento das lusas creaturas; antepor ao qui-qui-ri-qui desafinado de mais este *Chanteclersinho* a melodia desreclamada do occidental rouxinol, que, outro dia, um critico do *Avarento* falsificado de Castilho cahiu no logro de attribuir a Molière.



De Flers e de Callaivet não são bem dois auctores dramaticos. Seriam dois excellentes boticarios de misture e mande, se não preferissem mostrar-se, mais moderna e industrialmente, duas machinas de fazer comedias em collaboração.

Nada de mais mechanic, artificial e repetido, que o seu theatro, de uma insensibilidade absoluta, de um scepticismo grosseiro, que, abordando por interesse os themes mais delicados, tem sempre o ar de, ao atirar-nos as coisas mais reles ou as coisas mais nobres, commentar de si para si: *E nós, ralados!*, persistindo no accomodaticio systema de captar as boas graças de gregos e troyanos com a sua exploradora formula de: *uma no cravo, outra na ferradura*...

No mais sabido dos receituarios se filia a *Primerose*, que esses dois siamezes da chalaça e do applauso escreveram pensando em determinados interpretes, e guiando-se servilmente pelos gostos de um publico especial.

São duas as figuras mais salientes da peça: o *Cardeal de Mérance*, residente em Roma, e *Maria Rosa*, a quem todos pela frescura chamam *primerose*, que, se não me engano, é em portuguez a malva-rosa.

No *Cardeal de Mérance* começaram os auctores por figurar, com relativa transparencia, uma figura em evidencia da alta prelazia franceza, recorrendo depois, para a aguentarem melhor, a um typo velho e revelho do theatro do seu paiz, de que o *Abbate Constantino* foi uma encarnação retumbante. Não contentes com isso, deram-lhe umas besuntadellas de littera-

tura barata, fizeram-no descrever no primeiro acto a figura de Henri Meilhac, reconstituir, no terceiro, á Sherlock-Holmes o estado de espirito da sobrinha, e com mais umas unturas do santo da moda, S. Francisco de Assis, um primitivo da caridade, o paspalho ficou completo, sob o seu rubro solideo.

Para a *Maria Rosa*, foram os auctores buscar o modelo a Pailleron. *Le monde où l'on s'ennuie* e *La Souris* andam por allí a cada passo, ás turras com a lei da Separação, opportunistamente aproveitada, de envolta com os costumados motejos á nobreza e á democracia, aos radicaes e aos clericalistas, aos enterros civis e ás profissões religiosas, a Deus e á Republica, aos devotos e aos livres-pensadores, a tudo em resumo, para passar o tempo; d'esta feita, diga-se de passagem, sem grandes despezas de espirito.

Em materia de gracejos, De Flers e de Caillavet só se poupam a si. Quando alguém entende verberar, como Émile Mas, o abuso de um theatro-escola gananciosamente insistir em espectaculos não correspondentes á sua missão, vão para o concorrido campo da honra, onde decerto se não atrevem a repetir lérias como estas da *Primerose: Uma corôa de espinhos é uma corôa de rosas de onde as rosas cahiram* ou *As paizagens são bons conselhos que Deus nos dá.*



Quando o panno se ergue, estamos num castello do Anjou, onde tradicionalmente se festeja o Santo Humberto com fanfarra de trompas, archotada, e benção dos cães — silenciosissimos no Republica. São os dominios do *Conde de Plélan*, nobre semi-arruinado, amigo da caça e de alguns financeiros semitas. Tem este *Conde*, que é viuvo, uma filha, *Maria Rosa*, a quem, como já disse, todos tratam por *Primerose*. E' uma creaturinha singular, mixto de doçura e de capricho, voluntariosa, algo desequilibrada, que se diverte muito com andar a cavallo e tratar dos pobres e das creancinhas. *Jorge de Lay-*

*rac*, um *camelot du roi*, sahido recentemente da cadeia, aonde o levou o ter desrespeitado a estatua de um membro da Convenção, pede á *Primerose* a primeira valsa. Ella desculpa-se. Elle insiste. Seja, mas só depois da meia noite. Como se vê, a pequena quer estreiar-se fóra d'horas, o que, como se verá, é apenas uma maneira ingenua de preparar o final do acto. *Layrac* ama *Maria Rosa*, sem ser acceite, o que o faz recorrer á *Sr.<sup>a</sup> de Sermaize*, madrinha de *Primerose*, para que interceda junto da sua afilhada em seu favor. A *Sr.<sup>a</sup> de Sermaize*, que não se deu nada mal com o matrimonio — o que provavelmente ao defuncto marido não aconteceu — tem um fatacaz irresistivel por tudo quanto ao amor se refere, morre por alinhar casamentos, e só acha mal que se não amé. E' uma *velha*, mas não *antiga*, amiga do *Cardeal de Mérance* — creio que Mello Barreto, que verteu a peça com facilidade, inverteu os dois sublinhados termos — e, numa das scenas de mais effeito, procura convencer *Maria Rosa* a acceitar *Jorge de Layrac*. *Primerose* recusa energicamente. A *Sr.<sup>a</sup> de Sermaize* cahe-lhe nos braços: *Dá-me um beijo!* Interessava-se por *Layrac* por elle lho ter pedido, mas, com franqueza, não lhe parece um bom partido. *Maria Rosa* confia na *Sr.<sup>a</sup> de Sermaize*, por ella se ir tornando pouco a pouco mais nova. Vae pedir-lhe um conselho para uma sua amiga. *Um conselho!* — responde a interpellada — *vou-me embora...* E' para um caso de amor — atalha a interessada. *Um caso de amor, sou toda ouvidos!* — replica, curiosa, a *Sr.<sup>a</sup> de Sermaize*. *Maria Rosa* conta-lhe então a historia de uma supposta companheira, que, ardendo de amor por um rapaz envergonhado e indesebuxavel, se decidiu a escrever-lhe num bilhetinho este atrevido verbo: *Amo-o*. Entregou-lhe o bilhete num passeio que deram juntos ao campo. Ao despedir-se d'elle, mettu-lhe o papel na mão, dobrou-lhe os dedos por cima com geitinho, e disse-lhe: *Ahi tem. Vou separar-me de si a cantar. Prometta-me que não lerá esse papel emquanto ouvir o som da minha voz. E affastei-me cantando...* *Affastaste-te?* — pergunta surprehendida a *Sr.<sup>a</sup> de Sermaize*. *Sim* — responde *Primerose* — o caso passou-se comigo. Claro está que a generosa *Sr.<sup>a</sup> de*

*Sermaize* applaude. Mas quem é o felizardo a quem as raparigas assim levam a papinha feita? E' *Pedro de Lancrey*, que, como engenheiro, fez em dez annos uma fortuna na America. *Pedro*, que já não é creança, tem um caracter exquisito, reservado, bisonho, de uma timidez assaz estranhavel em quem lidou com antropophagos. Nutre uma grande paixão assolapada por *Primerose*, no geral, e pelos cabellos de *Primerose*, em particular. Os cabellos de *Primerose* são mesmo, com as sentenças humildes de S. Francisco de Assis, um dos motivos da peça, apparecendo dominantes, fetichistas, em todos os seus tres actos — cabellos que De Flers e de Callaivet devem ter ido buscar a Maeterlinck. Num dia em que os dois passeavam a cavallo, um galho d'arvore desmanchou-lhe o penteado, soltando-lhe a cabelleira. *Pedro* quiz ajuda-la a arranja-la de novo. *Maria Rosa* sentiu, nesse momento, que as mãos d'elle tremiam e a sua voz se tornava aspera. *E' um bom signal, não é verdade?* — interroga á madrinha. *Excelente...* affirma a excellente *Sr.<sup>a</sup> de Sermaize*. Dentro em pouco, chega *Pedro*, radiante com o bilhete que *Primerose* lhe entregara de manhã, e disposto por fim a dizer-lhe o seu amor. Aquella noite é o dia mais feliz da sua vida. Certo é, porem, que o homem põe e os dramaturgos dispõe. Mal que *Pedro* tem entrado no salão dos *Plélan*, vem um banqueiro judeu annunciar-lhe que o Banco de Nova York, onde *Pedro* depositara todos os seus haveres, abriu fallencia. Em vista d'isso, quando *Maria Rosa* quer saber se elle a ama ou não, *Pedro* responde-lhe que não, que lhe quer muito bem, mas lhe não tem amor. Julgando-se arruinado, não se crê no direito de ligar a amada á incerteza do seu destino. *Primerose*, ao saber que elle tem de ausentar-se novamente, promette espera-lo toda a vida, ou ser d'elle ou de mais ninguem, mas *Pedro*, em quem o orgulho vence o amor, assevera-lhe mais uma vez que a não ama, e raspa-se á franceza. Inconsolavel, *Primerose* resolve immediatamente fazer-se freira. Acolhe-se ao peito cardinalicio do tio, e declara querer entrar sem demora para o convento de Santa Clara. O *Cardeal de Mérance* hesita ao principio, mas logo, com toda a infinita sagacidade

pela importancia que os auctores entenderam dever attribuir-lhe.



Talvez para resgate da sua deficientissima technica, onde as scenas parecem pegadas com cuspo umas ás outras, fizeram De Flers e de Callaivet, com a *Primerose*, uma peça custosa de representar.

Subscriptadas para Leconte e Grand, as personagens de *Maria Rosa* e *Pedro Lancrey* são, effectivamente, dois bicos d'obra, pois difficil, se não impossivel, se torna perceber o seu estado de espirito. *Maria Rosa* é, afinal, mais a encantadora Maria Leconte, a gaiatice e a galanteria em pessoa, do que, propriamente, a banalissima *Primerose* de De Flers e de Callaivet, como *Pedro de Lancrey* é o esphingico Grand, que o publico de Lisboa viu, no antigo D. Amelia, com Jane Hading. Metter Leonor Faria a fazer a protagonista foi uma temeridade, em que ha a louvar a sua boa vontade, mas que deu em resultado ficarem na sombra mais de tres quartos do papel. No *Pedro de Lancrey*, defendeu-se Alexandre de Azevedo o melhor que pode. A Brazão tocou o *Cardeal de Mérance*, destinado pelos auctores a Féraudy. Representou-o com a sua auctoridade de mestre; dizer, porem, que se lhe metteu na pelle, que deu á figura toda a linha elegante de um cardeal aristocrata, seria exagerar. Muitissimo bem Emilia d'Oliveira, na *Sr.<sup>a</sup> de Sermaize*. Que me lembre, é a primeira vez que aborda um papel d'aquella indole, mas devo confessar que foi, de todos, quem se portou melhor. Aura Abranches, na *Irmã Donata*, carregou o comico da figura, como se estivesse a representar farça, o que muito censuravel se torna numa principiante que promette. Ferreira da Silva, no *Conde*, Raphael Marques, no *Layrac*, Pinto Costa, no *Mordomo*, Sarmento, no *Dr. Fardin*, não desatoram. Muito mal, com excepção das que citei, todas as damas que entram no primeiro acto.

O scenario pobre, e pobrissimo o mobiliario.

que os auctores lhe attribuiram, julgando aquella creancice uma prova decisiva de vocação monastica, accede aos røgos de *Maria Rosa*. Nisto aproxima-se *Layrac*, lembrando-lhe a valsa promettida. *Primerose* tenta escusar-se. O tio aconselha-lhe que cumpra a promessa. *Layrac*, enfatuado, com ella pelo braço, declara-se feliz por lhe ter merecido a sua primeira valsa. *A ultima* — diz *Primerose* baixinho para o *Cardenal*, emquanto o panno se desenrola.

No segundo acto, *Primerose*, já noviça, de habito castanho, veu negro e touca branca, vem, com uma companheira, buscar a casa do pae os restos de um jantar de festa para os pobres do convento. E' a primeira vez, depois de estar ao serviço divino, que revê as paredes do seu lar. Não lhe causa isso a minima impressão. A vida conventual tornou-a despreocupada, maldizente, vaidosa. Ri de tudo e de todos. Pelo mais estapafurdio dos acasos, encontra-se, porem, com *Pedro*, que não tornara a ver. *Pedro*, cujas perdas financeiras foram muito americanamente relativas, foi á America emquanto o diabo esfregava um dos olhos, e, provavelmente emquanto o dito diabo esfregava o outro olho, arranjou tudo o melhor possivel. Ao ver de novo *Primerose*, o seu amor explode. Inteiramente mudada, *Maria Rosa* ouve-o com frieza, perdoa-lhe as palavras ardentes, que a não perturbam, e esquecida ella — e sobretudo os auctores — da sua idade, diz que *Pedro* vae passar a ser um dos doentes da sua enfermaria de creanças — *quando se soffre é-se sempre um pouco uma creança*. Pensará nella todos os dias, dirá consigo que é feliz, consolar-se-ha, começará frequentando a sociedade, esquecer-la-ha, acabará por casar com outra! Promette? *Pedro* — mysterios do coração dos fantoches — não se revolta; quasi a deixa sahir sem mais protestos. De repente, no emtanto, lembra-se de uma coisa importante. Precisa saber se no convento lhe cortaram os cabellos! *Primerose* esquiva-se a responder. *Pedro* não desiste. Ella, mentindo, diz que sim, que lhos cortaram. *Pedro* declara então que só agora, assim, com o cabello aparado, reconhece nella um outro ser e a possibilidade de principiar a esquecer-la — ou seja o amor cortado á thesoura. Apoz as la-

grimas de *Pedro* nô seio do *Cardeal de Méranee*, — que têm na peça a missão de pegar de cara os namorados chorosos — rebenta uma noticia de arromba. O governo vae secularisar varios conventos, e entre elles o de Santa Clara. O *Conde* e *Layrac* enfurecem-se, defendendo a lucta a ferro e fogo. O *Cardeal* esse, é pela resignação, pela *politica de mãos postas*. Ao saber da nova, *Pedro* offerece-se para ir a Paris arranjar com que o convento de *Primerose* seja poupado. Vão o *Conde* e *Layrac* acompanha-lo á estação, e a *Sr.ª de Sermaize* confessá ao *Cardeal*: *No meio de tudo isto, não chego a saber o que quero, nem de que terra sou, nem o que hei de pensar*, ao que de *Méranee* responde, dando-lhe o braço: *cada vez me convenço mais de que a minha boa amiga se parece um bocado com a multidão*. E', segundo o habito dos auctores, a laracha final d'este acto. Mas onde iriam De Flers e de Callaivet descobrir uma multidão tão casamenteira, de braço dado com um cardeal da curia?

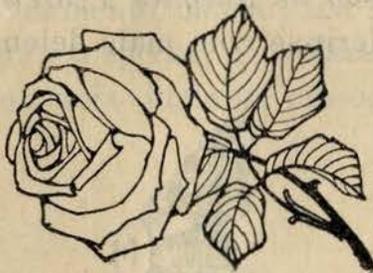
O terceiro acto é o melhorsinho. Secularisado o seu convento, *Maria Rosa* vem passar uma temporada com a madrinha, á qual *Pedro* anda dirigindo as obras de uma nascente. *Pedro* e *Maria Rosa* encontram-se outra vez a sós. Seguindo-lhe os conselhos, *Pedro* diverte-se agora na sociedade, e conta-lhe das suas conhecidas, chegando a fallar num casamento. *Primerose* tem ciumes. Os ciumes avivam-lhe o amor. Censura-o. *Pedro* diz-lhe que só ella teve a culpa, pois, ante a sua frieza, se viu forçado a renunciar á felicidade. Sobretudo, aquella revelação cruel de lhe haverem cortado os cabellos fê-lo pensar de outro modo. Poderia ao menos ter-lhe mentido, affirmando-lhe que conservava a sua cabelleira. *Veja se menti ou não!* — exclama *Primerose*, desembrulhando a cabeça, que envolvera num veo. Ao rever aquelles cabellos adorados, *Pedro* não resiste. Quer abraça-la. Ella tenta furtar-se-lhe, cahindo nos braços do tio — é a terceira péga da Eminencia — o qual, reconhecendo que Deus está em toda a parte, dá a *Pedro* a mão da sobrinha, depois do que, para dito final, declara que precisa de se ir confessar — phrase que Brazão não salientou como devia, não porque seja algum achado, mas

Na peça estreou-se uma nova actriz, Anna Espinosa. É magra e alta.



Emfim, é possível que, com as suas tão zabunbadas interpretações, Maria Leconte e Féraudy consigam dar ás duas principaes figuras da anodyna producção de De Flers e de Caillavet alguns resaios da humanidade que, por completo, lhes falta para nos interessarem, em toda a sua reforçada piçue e no seu sovado sentimentalismo.

Por Féraudy, que é um actor de recursos, mas pouco creador, não me arriscaria a ficar. Mas iria pôr ambas as mãos no fogo pela Leconte, que, ao lado de Bartet, a correcção divina, é o estouvamento delicioso, a graciosidade esfusiante, uma alma de Sèvres num corpo de diabrete, sem a qual, aos auctores d'*O Leque*, mesmo em Paris, outro gallo lhes cantaria...



XXVIII — Psychologia urbana, por *João do Rio*. (Garnier Irmãos, editores. Paris-Rio de Janeiro)

O amenissimo commentador de actualidades, que é Paulo Barreto, o consagrado *João do Rio* da *Gazeta de Noticias*, d'*A Noticia* e, ultimamente, d'*A Noite*, do Rio de Janeiro, manda-me o seu ultimo livro, *Psychologia urbana*, constituido por quatro conferencias, lidas com geral applauso do publico carioca, e pelo seu discurso de recepção na Academia Brasileira de Lettras, onde elle succedeu a essa inolvidavel figura de bohémio, Guimarães Passos, o poeta delicado dos *Versos de um simples* e das *Horas Mortas*, com quem eu tenho o gosto e a saudade de haver convivido.

O ultimo livro de *João do Rio*, escrevi, e não sei se será afinal bem exacto, pois o macabro contista do *Dentro da Noite*, apesar da sua febril actividade jornalística, vem ha um anno desentranhando-se num rôr de volumes, entre os quaes primaciam o *Portugal d'agora*, que é sobretudo um Portugal d'hontem, *Vida Vertiginosa*, *Os dias passam*, e um romance *A Profissão de Jacques Pedreira*, a que espera **A Mascara** poder referir-se com mais detenção.



Para quem só conheça um dos aspectos da obra de *João do Rio*, traductor de Oscar Wilde, admirador de Jean Lorrain, perscrutador de perversidades, inquiridor de religiões secretas, descriptor de amores lobregos e typos crapulosos, apaixo-

nado das tragedias do vicio, adorador tão devoto da noite que lhe foi pedir o nome para baptisar o seu novo jornal, o annuncio de algumas conferencias da sua lavra, deve suggerir uma espicaçante perspectiva de revelações terriveis, de sabbats horrendos, de iniciações defezas.

Nada, no entanto, de menos verdadeiro. Ao lado de Paulo Barreto, cultor dos nocturnos, soturnos, segredos das ruas, dos antros tenebrosos, e das entenebrecidas almas, está *João do Rio*, chronista aclamado da frivolidade, da elegancia, da novidade, como a par do Goya horrorisante de certos *Caprichos* malditos, está o galantissimo Goya das *majas*, dos *visperos* e das marquezas.

Foi esse *João do Rio*, bem trajado, bem disposto e bem fallante, um dos que, com Coelho Netto, o arrebatante, Olavo Bilac, o seductor, Medeiros e Albuquerque, fluentissimo, D. Julia Lopes d'Almeida, senhora de um talento d'homem, e outros, se encarregaram de, no tablado do Instituto, tornar a conferencia litteraria, ligeira e bem humorada, oriunda de Paris, num genero triumphante, pelo qual as gentes fluminenses e brasílicas hoje deliram, e que, codificado em volumes de deleitosa leitura, como os das Conferencias de Bilac, Netto, Medeiros, etc. — raro é o grande escriptor brasileiro que presentemente os não tenha na lista dos seus trabalhos — muita inveja deve merecidamente causar aos leitores de Portugal, onde, com contadas excepções, a conferencia só tem sido até agora explorada por meia duzia de curiosos.

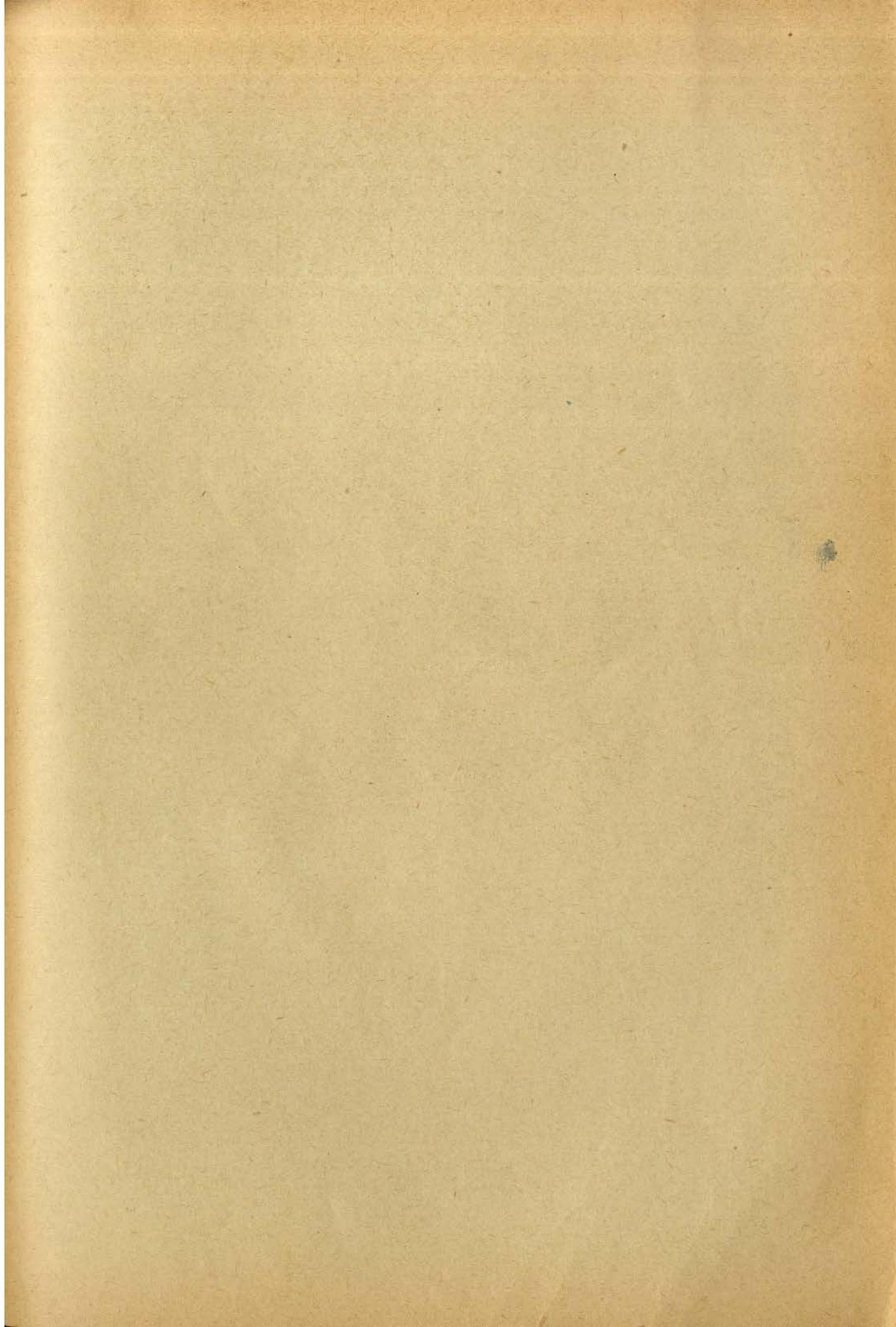


O volume de *João do Rio* abre com um prefacio *Ao amavel leitor*, onde humoristicamente se historia o movimento conferencista no Rio, que, actualmente, não dá tempo a se dizer ai

entre uma conferencia e a outra das que, ás dezenas, quotidianamente se succedem, sobre os mais incalculaveis e bizarros assumptos. São quatro as conferencias que se lhe seguem, trechos salteados de prosa sem retoque, feitos para entreter durante uma hora os inconstantes auditorios: *O Amor Carioca*, *O Figurino*, *Flirt*, e *A Delicia de Mentir*, que certamente me dispensam de apreciar em separado.

De todas, a mais feliz pareceu-me a segunda: *O Figurino*, a proposito de cujo thema, *João do Rio* disserta com leveza, conhecimento e phantasia sobre os *dandies* celebres e sobre a velha tendencia de se reduzir tudo, as pessoas como as coisas, as leis e os costumes, a arte ou a vida, a um modelo da moda, mais ou menos feliz, que pode ser a anthropophagia, em que o homem devora physicamente o seu semelhante num banquete, ou a chamada civilisação, em que mentalmente os homens se entredevoram num salão.







✻ ✻ A MASCARA publicar-se-ha todos os sabbados, desde 15 d'outubro a 15 de julho, em folhetos de 16 a 32 paginas. ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻

### PREÇOS

#### AVULSO:

Portugal..... 50 réis  
Brazil..... 250 réis (moeda fraca)

#### ASSIGNATURA (pagamento adeantado):

Cada serie de 10 numeros

Portugal..... 550 réis  
Brazil..... 28500 réis (moeda fraca)

✻ Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida á LIVRARIA FERIN, EDITORA. BAPTISTA, TORRES & C.<sup>a</sup>, 70, RUA NOVA DO ALMADA, 74.

✻ A que diga respeito ao auctor para a AVENIDA DA LIBERDADE, 178, 4.<sup>o</sup>, Esq.<sup>o</sup> ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻

#### ✻ Agentes d'A MASCARA:

✻ COIMBRA — LIVRARIA ACADEMICA de João de Moura Marques — 171, Rua Ferreira Borges, 173. ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻